

MARTINHO DA VILA CONTA

NOVELL



LAZULI
editora



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MARTINHO DA VILA CONTA

NOEL



MARTINHO DA VILA CONTA

NOEL

desenhos
WERNER SCHULZ

LAZULI
editora

© Lazuli Editora, 2021
direção editorial Miguel de Almeida
direção de arte Werner Schulz
capa e desenhos Werner Schulz
revisão Eliakim Oliveira



Visite o nosso site: **www.lazuli.com.br**

Acompanhe no:

 /lazuli.editora  @lazulieditora

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Vila, Martinho da

Martinho da Vila conta Noel [livro eletrônico] / Martinho da Vila. --

1. ed. -- São Paulo : Lazuli Editora, 2021. -- ISBN

(Música popular brasileira ; 1)

ISBN 978-85-7865-148-0

1. Cartola, 1908-1980 2. Música popular brasileira

3. Sambistas - Biografia I. Título II. Série.

21-73841 CDD-709.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Sambistas brasileiros : Biografia 709.2

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados

1ª edição - São Paulo - 2021

Lazuli Editora

Rua Patizal, 35 - Vila Madalena - São Paulo - Cep: 05433 - 040

Tel.: (011) 3729 6077



Escola de Música Dona Martha
Aulas de violão, teoria e prática

Rua Teodoro
da Silva, nº 134,
Vila Isabel,
tel.: 344-333



O PROF. MANOÉLIO MEDEIROS, mais conhecido como Professor Mano, chega à sala de aulas, como de costume, dez minutos após soar a campainha que anuncia a hora do início. A turma está na maior algazarra. O mestre entra sorridente, batendo palmas e os alunos o aplaudem e o saúdam:

— Boa tardeee!!

— Boa tarde, professor! — respondem em uníssono.

O homem fica imóvel, quase em posição de sentido, à maneira militar, e a turma silencia.

— Peguem seus violões e afinem!

A ordem é obedecida com a quebra do silêncio, dando lugar a uma sonoridade aleatória que faz bem a alguns ouvidos.

A turma é formada, em sua maioria, por pré-adolescentes. Os mais velhos estão na casa dos dezessete anos. Todos sonham tocar como Manoel da Conceição, Rafael Rabelo, Baden Powell... Nomes que o professor sempre citava. As meninas almejam ser musicistas como a Rosinha de Valença.

Todas as aulas da Escola Dona Martha eram baseadas nas composições do Noel Rosa.

Dona Martha, que dava nome à escola, lecionava teoria

musical e história da música popular brasileira, tendo Noel como ícone. Ela tratava os alunos com muito carinho e as alunas a chamavam de Mama Martha.

Certa vez ela discorria sobre a infância do compositor e uma aluna perguntou:

— Mama Martha, o defeito que o Noel tinha no rosto foi causado por algum acidente?

Ao que Mama Martha respondeu:

— Sim, filha. Foi um acidente no parto. Quando ele deu sinais de que ia nascer, não estava na posição correta. Naquele tempo não se fazia nascimentos com operação cesariana e ele foi extraído com ajuda de aparelhos, o fórceps, usado em cirurgias popularmente chamadas de “parto a ferros”. Os instrumentos causaram o afundamento no queixo. Foram feitas tentativas de correção, sem sucesso. Em consequência, Noel tinha dificuldade para mastigar e só ingeria alimentos tenros, líquidos e sopas, mas não comia em presença de qualquer pessoa. Por isso era magro e com



aparência de subnutrido.

— Mesmo assim eu acho que ele era um rapaz bem bonito e interessante.



— Como você, as moçoilas da época o achavam atraente e se encantavam ao conhecê-lo, pois ele era sedutor. Teve uma vida amorosa muito intensa, inclusive foi paixão de uma bailarina, a Ceci, conhecida como a Dama do Cabaré. A arma de sedução dele era o violão e a poesia. Coitadas das jovens que se encantavam com Noel.

Apaixonavam-se perdidamente. E ele nunca foi fiel a nenhuma. A que mais sofreu foi a Lindaura, moça de boa família que teve nele o seu único homem. Casaram-se, por imposição da mãe, mas não abandonou as noitadas nos bares. Estava doente quando contraiu núpcias e a Lindaura o acompanhou até o final da vida.

Um aluno aplicado, que se destacava tocando e ouviu muito as harmonias que o Noel usava nas suas músicas, encontrou várias notas que considerava erradas.

Indagou:

— Professor Manoélio, o Noel estudou muito e era um bom músico?

— O menino Noel nunca foi aluno exemplar. Era um brincalhão indisciplinado que estudou no tradicional e

religioso Colégio São Bento. Destacava-se em linguagem, o português de hoje, mas o seu currículo escolar é repleto de notas médias e baixas. Não era estudioso, mas, mesmo assim, chegou à Faculdade de Medicina, curso que abandonou no início, atraído pela música.

“Violão ele aprendeu inicialmente com um irmão que dominava, categoricamente, o instrumento. Estudou também nos métodos de violão publicados nos jornais de modinha. Frequentava os saraus caseiros de Vila Isabel e ouvia com curiosa atenção os músicos que acompanhavam os seresteiros. Pode-se dizer que era um músico de ouvido. Como solista fazia uns acordes difíceis, que parecem errados, mas não são. Noel foi, na verdade, um autodidata e tornou-se excelente violonista acompanhador. Participou de vários grupos musicais, inclusive o importante Bando dos Tangarás, formado por Braguinha, Alvinho, Henrique Brito e Almirante.

“Tinha muito ritmo, tirava diferentes acordes. Por isso os grandes artistas da época gostavam de ser acompanhados por ele. Era o preferido do Francisco Alves, o mais famoso”.



— Ele também fez sucesso como cantor?

— Sim. Não era dotado de uma grande voz, mas tinha muito suingue. Participava de shows com os grandes cantores, inclusive fez dupla com Chico Alves, “O Rei da

Voz". O sucesso dele nos palcos não era pela voz, mas pelos trejeitos, pela atração pessoal e pelo repertório que apresentava, exclusivamente por composições próprias. As mais apreciadas pelo público eram as bem humoradas que fazia, como Conversa de Botequim, que cantava quase declamando, como se estivesse conversando com um garçom:

*Seu garçom, faça o favor de me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada
Um pão bem quente com manteiga à beça
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada
Feche a porta da direita com muito cuidado
Que não estou disposto a ficar exposto ao sol
Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol*



*Se você ficar limpando a
mesa
Não me levanto nem pago a despesa
Vá pedir ao seu patrão
Uma caneta, um tinteiro
Um envelope e um cartão
Não se esqueça de me dar palitos
E um cigarro pra espantar mosquitos
Vá dizer ao charuteiro
Que me empreste umas revistas
Um isqueiro e um cinzeiro*

*Seu garçom, faça o favor de me trazer
depressa
Uma boa média que não seja requentada
Um pão bem quente com manteiga à
beça
Um guardanapo e um copo d'água bem*

gelada

*Feche a porta da direita com muito cuidado
Que estou disposto a ficar exposto ao sol*

Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol

Telefone ao menos uma vez



Para três quatro, quatro, três, três, três
E ordene ao seu Osório
Que me mande um guarda-chuva
Aqui pro nosso escritório
Seu garçom me empresta algum dinheiro
Que eu deixei o meu com o bicheiro
Vá dizer ao seu gerente
Que pendure esta despesa
No cabide ali em frente



Sempre tinha que bisar e então caprichava
na voz e nos acordes do seu violão.

Um dos grandes momentos dos seus shows, no qual o público mais aplaudia, era o que apresentava o samba humorístico *Gago Apaixonado*, que interpretava imitando um gago:

*Mu-mu-mulher, em mim fi-fizeste um estrago
Eu de nervoso estou-tou fi-ficando gago
Não po-posso com a cru-crueldade da saudade
Que que mal-maldade, vi-vivo sem afago*



*Tem tem pe-pena deste mo-moribundo
Que que já virou va-va-va-va-ga-gabundo
Só só só só por ter so-so-sofri-frido
Tu tu tu tu tu tu tu tu
Tu tens um co-coração fi-fi-fingido*

*Mu-mu-mulher, em mim fi-fizeste um estrago
Eu de nervoso estou-tou fi-ficando gago
Não po-posso com a cru-crueldade da saudade
Que que mal-maldade, vi-vivo sem afago*

Teu teu co-coração me entregaste

*De-de-pois-pois de mim tu to-toma-maste
Tu-tua falsi-si-sidade é pro-profunda
Tu tu tu tu tu tu tu tu tu
Tu vais fi-fi-ficar corcunda!*

As primeiras composições do Noel não foram samba. O samba era feito nos morros e de lá não saía. Nas estações radiofônicas se ouviam valsas, polcas, tangos, choros, maxixes e daí o samba-tango, o maxixe e o samba-choro, criados por negros da cidade, principalmente Sinhô, Donga e Pixinguinha, que se ouviam no rádio.

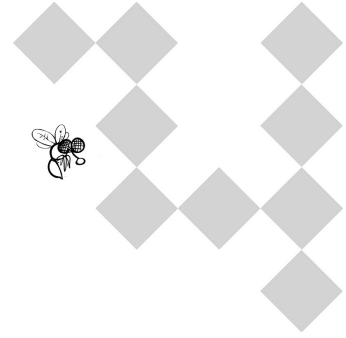
A classe média, à qual Noel pertencia, preferia seresta e música nordestina. Por isso as primeiras composições dele foram emboladas, ritmo jocoso que combinava com o bom humor do poeta. *Festa no Céu* é um exemplo típico.

*O leão ia casá
com sua noiva leoa,
E São Pedro, pra agradá,
preparou uma festa boa.
Mandou logo um telegrama
convidando os bichos macho
Que levasse todas dama
Que existisse cá por baixo.*



*Pois tinha uma bela mesa
E um piano no salão.
Findo o baile, por surpresa,
No banquete do leão
Os bicho todo avisado
Tavam esperando o dia
Tudo tava preparado
Pra entra enfim na orgia.*

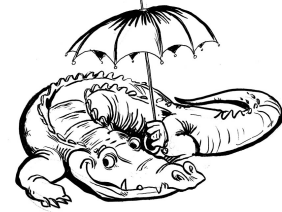
*E no tal dia marcado
Os bicho tomaram banho
Foram pro céu alinhado
Tudo em ordem por tamanho.
O mosquito entrou na sala
Com um charuto na boca;
Percevejo de bengala,
E a barata entrou de toca*



*Zunindo qual uma seta,
Veio o pinguim do Polo;
O peixe de bicicleta
Como o tamanduá no colo;
O siri chegou atrasado
No bico de um passarinho,
Pois muito tinha custado
Pra bota seu colarinho.*

*E o gato foi de luva
Pra assistir o casório;
Jacaré de guarda-chuva*

*E a cobra de suspensório,
O porco de terno branco
Com um sapato sem sola;
E o tigre de tamanco
De casaco e de cartola.*



*De lacinho à borboleta
Veio o veado-galheiro
E o burro de luneta
Montado num carroceiro;
O macaco com a macaca
Com rouge pelo focinho;
Estava engraçada a vaca
De porta-seio e corpinho.*

Vou breviá o discurso

*Pra não dizê tanto nome:
Lá foi a mulhê do urso
De cabeleira A la home;
Quando o leão foi entrando,*



*São Pedro muito se riu
E pro bicho foi gritando:
Caiu 1º de abril.*

As características principais da musicalidade do Noel eram a poética e o humor. Em *Minha Viola* ele se refere, com graça, à febre amarela, doença que assolou a Cidade do Rio de Janeiro. Faz gozação com um velho sovina e desmistifica a crença popular de que o cigarro alivia dor de dente. Esta embolada foi a sua primeira gravação:

*Minha viola
Ta chorando com razão
Por causa duma marvada
Que roubou meu coração*

*Eu não respeito cantadô que é respeitado
Que no samba improvisado me quisé desafiá
Inda outro dia fui cantá no galinheiro
O galo andou o mês inteiro sem vontade de cantá
Nesta cidade todo mundo se acautela
Com a tal de febre amarela que não cansa de matá
E a dona Chica que anda atrás de mal conselho
Pinta o corpo de vermelho
Pro amarelo não pegá*

*Eu já jurei não jogá com seu Saldanha
Que diz sempre que me ganha
No tal jogo do bilhar
Sapeca o taco nas bola de tal maneira
Que eu espero a noite inteira pras bola carambolá
Conheço um véio que tem a grande mania
De fazê economia pra modelo de seus filho
Não usa prato, nem moringa, nem caneca
E quando senta é de cueca
Prá não gastá os fundilho*

*Eu tive um sogro cansado dos regabofe
Que procurou o Voronoff, doutô muito creditado
E andam dizendo que o enxerto foi de gato
Pois ele pula de quatro miando pelos telhado
Adonde eu moro tem o bloco dos filante
Que quase que a todo instante um cigarro vem filá
E os danado vem bancando inteligente
Diz que tão com dor de dente
Que o cigarro faz passá*



Em um dos seus sambas de maior sucesso, *Com Que Roupa*, sem ser lamentoso o poeta aborda a crise financeira que ameaçava o país na época. A primeira estrofe é uma ameaça de uso da violência, mas, nas seguintes, reclama da falta de dinheiro de maneira bem humorada:

*Agora vou mudar minha conduta
Eu vou pra luta pois eu quero me aprumar
Vou tratar você com a força bruta
Pra poder me reabilitar*

*Pois esta vida não está sopa
E eu pergunto: com que roupa?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?*

*Agora eu não ando mais fagueiro
Pois o dinheiro não é fácil de ganhar
Mesmo eu sendo um cabra trapaceiro
Não consigo ter nem pra gastar*

*Eu já corri de vento em popa
Mas agora com que roupa?*

*Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?*

*Eu hoje estou pulando como sapo
Pra ver se escapo desta praga de urubu
Já estou coberto de farrapo
Eu vou acabar ficando nu*

*Meu terno já virou estopa
E eu nem sei mais com que roupa
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?*

*Seu português agora deu o fora,
Já foi-se embora e levou seu capital.
Esqueceu quem tanto amou outrora,
Foi no Adamastor pra Portugal,*

*Pra se casar com uma cachopa,
Mas agora com que roupa?
Pro samba que você me convidou?
Com que roupa que eu vou
Pro samba que você me convidou?*

O Poeta da Vila é identificado como sambista, mas compôs valsas, modinhas, canções e outros tipos de música. Inventou até alguns como o *E Não Brinca Não*, de difícil classificação. Era mesmo um poeta, como se pode constar na letra:

*Pega na saca,
Tira a jaca,
Leva a faca,
Que a macaca
Sai da estaca*



*Ela te ataca
À traição*

*E não brinca não...
Que ela hoje tá com o cão!*

*Seu Fortunato,
Olha o rato
No sapato.
E o seu gato,
Que é de fato,
Foi pro mato
Com meu cão.*

*E não brinca não...
Que vais ficar de pé no chão!*

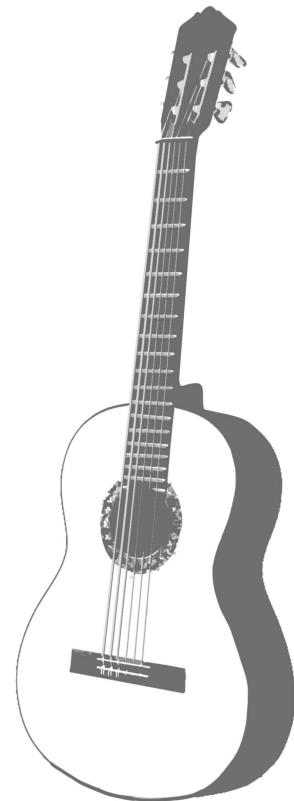
*Com sua farda,
Toda parda,
Bem galharda,
Na vanguarda,
De espingarda,
Vem um guarda
No pifão.*

*E não brinca não...
Que ele tá cheio da razão!*

*Dona Adalgisa
Só me avisa,
Só me frisa
Que a camisa
Não é lisa
Não precisa
De botão.*

*E não brinca não...
Que não tá paga a prestação!*

*Eu bem dizia
Que eu sabia*

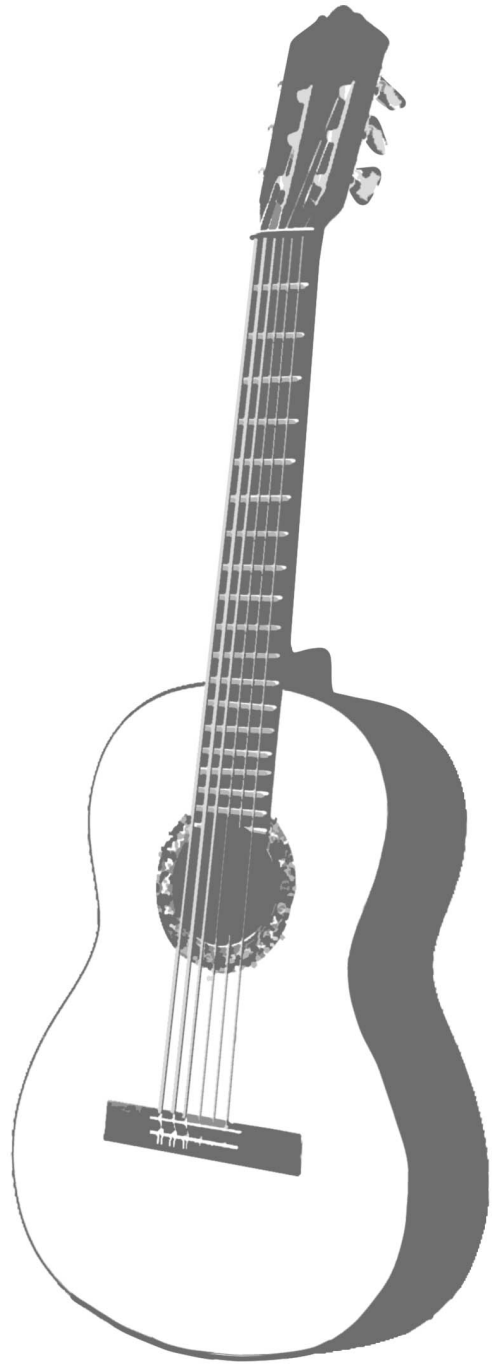


*Que a Maria
Fazia
Na sacristia
Cortesia
Ao sacristão.*

*E não brinca não...
Que até o padre é gavião!*

A irreverência nas letras do Noel não agradava a sua família, de tradições religiosas.

A turma de artistas da qual o Noel participava era considerada como “de elite”, assim como os criadores da bossa nova. Estes, inicialmente, não admitiam o pandeiro, o cavaquinho e nem abordavam os temas sofridos dos compositores de morro, tais como trabalho, miséria, fome, salário, morte... E o Bando dos Tangarás, do qual Noel fazia parte, não admitia o samba. Coisa de favelados, diziam.



O professor Manoel Garcia, diretor da Escola de Música Dona Martha, dava aula de canto e dizia para os seus alunos que Noel Rosa foi o primeiro compositor branco aceito como parceiro de pretos sambistas. O mestre, também desprovido de preconceitos, criou um coral com moradores jovens do Morro dos Macacos, para o qual dedicava-se com afinco. A admissão era gratuita e, logicamente, a grande maioria dos vocalistas eram negros. Quase todos já tinham informações sobre a música e a personalidade do Noel, passadas boca a boca pelos pais, que se orgulhavam de serem contemporâneos do Poeta da Vila e terem convivido com ele.



Noel, com sua postura despreconceituada, namorou uma cabrocha do Morro dos Macacos, e lá fez muitos amigos, dentre os quais o ritmista Canuto, ás do tamborim, que o levou para o morro do Salgueiro, seu primeiro contato com bambas do samba e fez com eles as primeira parcerias. Conheceu o compositor Ismael Silva, de quem pegou a malemolência dos sambistas do Estácio e subiu com ele o Morro de São Carlos. Depois foi para a Mangueira do Cartola, trocaram conhecimentos e foram parceiros. O Poeta da Vila bebeu na rica fonte musical dos sambistas discriminados e, em contrapartida, desceu com o samba de morro para asfalto e o colocou no seu meio artístico-social, onde o ritmo se impôs.

Quando Noel de Medeiros Rosa nasceu, 11 de dezembro de 1910, o Império já havia caído, mas os títulos de nobreza ainda tinham importância e as classes sociais eram bem divididas. Ricos não se relacionavam com pobres, brancos só falavam com pretos o estritamente necessário e patrões se achavam superiores aos empregados. Músicos executantes eram considerados subalternos. Por isso os artistas que formavam o Bando dos Tangarás não aceitavam receber cachê, mas Noel, que andara em situação financeira difícil, exigia receber, o que causava um certo constrangimento. Também causava estranheza o seu comportamento. No carnaval, vestia-se de mulher no Cara de Vaca, popularíssimo bloco, e brincava também no Faz Vergonha de Vila Isabel, bloco de arengueiros. Recebia também críticas veladas por ser muito boêmio e ter, em sua maioria, amigos pretos.

Fingia que não percebia, mas respondeu com o samba *Filosofia*, que fez muito sucesso:

*O mundo me condena, e ninguém tem pena
Falando sempre mal do meu nome
Deixando de saber se eu vou morrer de sede
Ou se vou morrer de fome
Mas a filosofia hoje me auxilia
A viver indiferente assim
Nesta prontidão sem fim
Vou fingindo que sou rico
Pra ninguém zombar de mim
Não me incomodo que você me diga
Que a sociedade é minha inimiga
Pois cantando neste mundo
Vivo escravo do meu samba, muito embora vagabundo*

*Quanto a você da aristocracia
Que tem dinheiro, mas não compra alegria
Há de viver eternamente sendo escrava dessa gente
Que cultiva hipocrisia*

O sucesso foi estrondoso e o Bando dos Tangarás, indiretamente atingido, teve de incluí-lo no repertório. Noel, com seu sorriso enigmático, parecia dizer: “Vestiram a carapuça”.

Noel morreu a 4 de maio de 1937. Não viu nascer a Unidos de Vila Isabel, escola do seu bairro, fundada em 4 de abril de 1947. A Vila, no ano do centenário do seu nascimento, fez um carnaval em sua homenagem com o enredo *A Presença do Poeta*:



*Se um dia na orgia me chamassem
Com saudades perguntassem
Por onde anda Noel
Com toda minha fé responderia
Vaga na noite e no dia
Vive na terra e no céu
Seus sambas muito curti
Com a cabeça ao léu
Sua presença senti
No ar de Vila Isabel
Com o sedutor não bebi
Nem fui com ele a bordel
Mas sei que está presente
Com a gente neste laurel*

*Veio ao planeta com os auspícios de um cometa
Naquele ano da Revolta da Chibata
A sua vida foi de notas musicais
Seus lindos sambas animavam carnavais*

*Brincava em blocos com boêmios e mulatas
Subia morros sem preconceitos sociais*

*Foi um grande!
Foi um grande chororô
Quando o gênio descansou
Todo o samba lamentou
Ô ô ô
Que enorme dissabor
Foi-se o nosso professor
A Lindaura soluçou
E a Dama do Cabaré não dançou
Fez a passagem pro espaço sideral
Mas está vivo neste nosso carnaval
Também presentes Cartola
Aracy e os Tangarás
Lamartine, Ismael e outros mais
E a fantasia que se usa
Pra sambar com o menestrel*

Tem a energia da nossa Vila Isabel BIS

*Se um dia na orgia me chamassem
Com saudades perguntassem
Por onde anda Noel
Com toda minha fé responderia
Vaga na noite e no dia
Vive na terra e no céu
Seus sambas muito curti
Com a cabeça ao léu
Sua presença senti
No ar de Vila Isabel
Com o sedutor não bebi
Nem fui com ele a bordel
Mas sei que está presente
Com a gente neste laurel*

*Veio ao planeta com os auspícios de um cometa
Naquele ano da Revolta da Chibata
A sua vida foi de notas musicais BIS
Seus lindos sambas animavam carnavais*

*Brincava em blocos com boêmios e mulatas
Subia morros sem preconceitos sociais*

*Foi um grande!
Foi um grande chororô
Quando o gênio descansou
Todo o samba lamentou
Ô ô ô
Que enorme dissabor
Foi-se o nosso professor
A Lindaura soluçou
E a Dama do Cabaré não dançou
Fez a passagem pro espaço sideral
Mas está vivo neste nosso carnaval
Também presentes Cartola
Aracy e os Tangarás
Lamartine, Ismael e outros mais
E a fantasia que se usa
Pra sambar com o menestrel*

Tem a energia da nossa Vila Isabel

Dizia-se que o nome dele não era Noel, e sim Manoel, também nome do seu pai. Na verdade, era uma corruptela de Noel, que em francês quer dizer Natal. Por isso ele assinava com trema e acento grave.

A handwritten signature in black ink, reading "Noel Rosa". The signature is written in a cursive, flowing style with a prominent trema and grave accent over the 'e' in "Noel".

Conhecido como “O Poeta da Vila”, immortalizou Vila Isabel com suas criações musicais — Eu Vou Pra Vila, Feitiço da Vila, Palpite Infeliz... Mas, para os cariocas da gema, ele foi O Poeta da Cidade, com registro em um

disco com suas composições, lançado no ano do seu centenário. Procede, porque ele tinha uma afeição profunda pelo Rio de Janeiro, município que visivelmente conheceu de Norte a Sul, Leste a Oeste. Perambulava pelos bairros circunvizinhos de Vila Isabel, parava em tendinhas nos morros, curti o centro, particularmente a Lapa. Transitava pelos subúrbios. Amava a cidade que dizia ser “mais bela que um sorriso” e deu-lhe, como prova de amor, a alegre marchinha de carnaval, *Cidade Mulher*:

*Cidade de amor e aventura
Que tem mais doçura
Que uma ilusão.*

*Cidade mais bela que o sorriso,
Maior que o paraíso
Melhor que a tentação*

*Cidade que ninguém resiste
Na beleza triste
De um samba-canção*

*Cidade de flores sem abrolhos
Que encantando nossos olhos
Prende o nosso coração*

*Cidade notável,
Inimitável,
Maior e mais bela que outra qualquer.
Cidade sensível,
Irresistível,
Cidade do amor, cidade mulher.*

*Cidade de sonho e grandeza
Que guarda riqueza
Na terra e no mar*

*Cidade do céu sempre azulado,
Teu Sol é namorado
Da noite de luar*

*Cidade padrão de beleza,
Foi a natureza
Quem te protegeu*

*Cidade de amores sem pecado,
Foi juntinho ao Corcovado
Que Jesus Cristo nasceu.*



sobre o autor



MARTINHO DA VILA, nascido Martinho José Ferreira, em Duas Barras (RJ), filho de lavradores, é um dos mais renomados artistas da MPB. Compositor, cantor e instrumentista, ganhou ao longo de décadas diversos prêmios. É ainda autor de inúmeros livros, tendo como pano de fundo o samba e a africanidade brasileira, entre eles *A rainha da Bateria* e *A rosa vermelha e o cravo branco*, ambos editados pela Lazuli, adotados em escolas do ensino fundamental. Também é presidente de honra da Unidos da Vila Isabel.